



XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT-9 – Museu, Patrimônio e Informação

HORIZONTES DA PARTICIPAÇÃO DOS PÚBLICOS NOS MUSEUS: FUNDAMENTOS, EXPRESSÕES E PROBLEMÁTICAS EM REVISTA

HORIZONS OF PUBLIC PARTICIPATION IN MUSEUMS: FUNDAMENTALS, EXPRESSIONS AND ISSUES UNDER REVIEW

Julia Nolasco Leitão de Moraes – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Embora não sem controvérsias ou de maneira homogênea, desde as décadas de 1960 e 70, os museus vêm se reposicionando diante de múltiplos debates que sugerem um adensamento a práticas promotoras da inclusão, participação, diversidade cultural, pluralidade de representações, etc. Este artigo pretende apresentar pressupostos e problemáticas acerca do tema participação em museus, assim como revelar, por meio de levantamento realizado nas revistas eletrônicas *Museologia e Interdisciplinaridade* e *Museologia e Patrimônio*, que a temática interage com diversos debates contemporâneos do campo dos museus e da *Museologia*. Para tanto, pontua como a noção de participação vem sendo incorporada aos museus e à *Museologia*; aborda como a ideia de público é transformada a partir desta mobilização, apresentando disposições, níveis e esferas de sua participação; e finalmente apresenta levantamento pertinente à temática no âmbito das referidas revistas eletrônicas.

Palavras-chave: participação em museus; disposições, níveis e esferas de participação; públicos de museus; produção científica em *Museologia*.

Abstract: Although not without controversy or homogeneity, since the 1960s and 1970s museums have been repositioning themselves in the face of multiple debates that suggest an increase in practices that promote inclusion, participation, cultural diversity, plurality of representations, etc. This article aims to present assumptions and problems concerning participation in museums, as well as to reveal, through a survey conducted in the electronic journals *Museologia e Interdisciplinaridade* and *Museologia e Patrimônio*, that the theme interacts with several contemporary debates in the field of museums and *Museology*. To this end, it points out how the notion of participation has been incorporated into museums and *Museology*; addresses how the idea of public is transformed from this mobilization, presenting provisions, levels and spheres of participation; and finally presents a survey pertinent to the theme in the scope of the aforementioned electronic journals.

Keywords: participation in museums; dimensions, levels and spheres of participation; museum public; scientific production on *Museology*.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é desdobramento de levantamentos e reflexões iniciais da pesquisa “Horizontes da participação dos públicos nos museus: itinerários e encruzilhadas da comunicação, criação e representação”. A investigação visa identificar e analisar os horizontes, itinerários e encruzilhadas - isto é, pressupostos teóricos e práticos, instrumentos, metodologias, complexidades e contradições - de realidades empíricas vividas e/ou a que museus contemporâneos têm recorrido, com vista à promoção e efetivação de diferentes disposições, níveis e esferas de participação dos públicos junto a esses espaços. Para tanto, lança um olhar mais atento às mediações produzidas em torno de iniciativas voltadas à comunicação nos museus, em especial às exposições, entendendo que essas materializam, atualizam e (res)significam criações e representações engendradas nas relações e interfaces entre diferentes culturas.

Neste artigo são apresentados alguns pressupostos e problemáticas acerca do tema participação em museus, assim como um levantamento bibliográfico das revistas eletrônicas *Museologia e Interdisciplinaridade – M&I* e *Museologia e Patrimônio – M&P*. Admitindo a relevância de ambos periódicos para o campo dos museus e da Museologia no Brasil atualmente, busca-se assinalar de que modo o tema da participação dos públicos nos museus se expressa nessas revistas e como a temática interage com diversos debates contemporâneos no campo dos museus e da Museologia, ainda que de maneiras muito variadas.

Para tanto, inicialmente pontua-se como a noção de participação foi sendo adensada sobre a teoria, metodologia e as práticas dos museus e da Museologia, especialmente a partir dos anos 1970. Num segundo momento, aborda-se como a noção de público será transformada a partir desta mobilização, assim como aspectos concernentes às diferentes disposições, níveis e esferas de participação. Por fim, apresenta-se o levantamento acerca da temática no âmbito das Revistas *M&I* e *M&P*.

2 SOBRE MUSEUS E TRANSBORDAMENTOS NECESSÁRIOS

Ao longo do século XX e em especial a partir da década de 1970, teorias, experimentações e debates promovidos em distintas instâncias do conhecimento evidenciaram a necessidade e urgência dos museus repensarem seus valores, práticas, modos de inserção e integração no cotidiano dos diferentes grupos e sociedades. Desde então, progressivamente, ainda que de maneira não uniforme, os museus vêm sendo provocados – de modo mais ou

menos contundente e constante – a deslocar o foco de seu trabalho do acervo, exclusivamente, em direção às mediações e à pluralidade de ressignificações e usos sociais do patrimônio. Indissociavelmente, ao longo desse período, ecoaram transformações decorrentes daquilo que De Carli define ser o ponto mais crítico de desacordo entre a Museologia Tradicional e a Nova Museologia: a missão do museu na sociedade e a coparticipação da comunidade (DE CARLI, 2008, p. 25-26).

A dita Museologia Tradicional, a qual, em linhas gerais, podemos reconhecer na literatura também como Museologia Ortodoxa, tem origem na organização e função desempenhada pelos museus ancorados nos ideais iluministas. Surgidos por volta do século XVIII, esses espaços teriam se constituído a partir da institucionalização e abertura das coleções anteriormente restritas ao acesso público. Conforme situa Mairesse (2005), à época do Iluminismo, a abertura de tais coleções e instituições “às massas” era alvo de discussão, havendo aqueles que defendiam que o “benefício moral” de frequentá-las deveria ser indubitavelmente um privilégio daqueles que soubessem como agir ali, pressupondo um código tácito de uso e comportamento.

De acordo com Greenhill (2000), o museu iluminista apresenta-se como arquétipo ainda hoje bastante enraizado no imaginário, nas práticas e no cotidiano da população, de agentes institucionais e políticos e, conseqüentemente, também no universo da Museologia. Verifica-se que as características historicamente presentes neste modelo sugerem a polarização entre o espaço e papel do especialista, que assume e exerce autoridade enunciativa por meio das ações do museu em direção à sociedade; e o do público, de quem espera-se absorção, confiança e submissão aos valores e conhecimentos disseminados. Greenhill (2000) assinala três principais características relacionadas à manifestação desse arquétipo, as quais fundamentarão a conformação da Museologia Tradicional/Ortodoxa: tratar-se-iam de museus autoritários, informativos e autocentrados (HOOPER-GREENHILL, 2000). Chagas (1999, p. 21) incrementa a caracterização do modo de atuação desses espaços: “[...] pouco democráticos, onde prevalece o argumento de autoridade, onde o que importa é celebrar o poder ou o predomínio de um grupo social, étnico, religioso ou econômico sobre os outros grupos”. Neles, os objetos são festejados como “[...] coágulos de poder e indicadores de prestígio social” (CHAGAS, 1999, p. 21).

Há de se enfatizar, contudo, que nos dias atuais, tal modelo não é mais o único vigente, tampouco sua manifestação se dê de modo genuíno ou uniforme.

Emergida em outro contexto, de transformações e contestações sociais, políticas e culturais das décadas de 1960 e 70, a Nova Museologia organiza-se a partir de duas noções principais (VARINE, 1995) que apontam para maneiras alternativas e socialmente mais comprometidas, democráticas e inclusivas de entender e atuar no campo dos museus e da Museologia: museu integral, “[...] isto é, levando em consideração a totalidade dos problemas da sociedade”, e museu enquanto ação, “[...] isto é, enquanto instrumento dinâmico de mudança social” (VARINE, 1995). Tais concepções abrem caminhos para compreensão de que não é o museu propriamente quem opera transformações sociais, mas sim aqueles que capazes de ser apropriar do museu – instrumento - podem tornar-se mais fortalecidos e mobilizados para agir sobre sua realidade.

Assim, retoma-se aqui De Carli (2008), para quem o nó de desacordo entre a Museologia Tradicional e a Nova Museologia estaria na atuação participativa da comunidade e na missão do museu. Segundo a autora, a participação dos públicos deve perpassar a maneira como tais instituições tradicionalmente operam, isto é, por meio da preservação, pesquisa e comunicação do patrimônio (DE CARLI, 2008). Neste sentido, é pertinente falar-se em uma musealização orientada por princípios, metodologias e instrumentos participativos, pautada no compartilhamento da autoridade enunciativa no que diz respeito à criação de narrativas e suas representações.

Ocorre que, conforme as discussões tecidas por Brulon (2018), vislumbrar a musealização sob horizontes participativos exige descolonizar o olhar sobre os museus, os patrimônios e os sujeitos que os agenciam. Como o autor chama atenção, a acepção tradicional do termo musealização está enraizada no modelo iluminista de museu, instaurando um conjunto de ações técnicas que reifica a separação entre cultura e sociedade, patrimônio e seus usuários, reforçando lógicas e relações de dominação (BRULON, 2018). Assim, é coerente admitir a necessidade não somente de reconsiderar os agentes promotores da musealização, mas também e sobretudo os meios, os saberes, o próprio conjunto de ações, sentidos, relações e regimes de valor manifestados, os quais, articulados, impulsionam o ato de musealizar.

As transformações da sociedade e da Museologia nas décadas de 1960 e 70 mobilizaram o surgimento de diferentes tipologias de museus, sugerindo construções sociais alternativas. Para além disso, inspiraram a pluralização de experiências de musealização, no formato de “novos museus”, mas também de museus reconhecidos como tradicionais/ortodoxos, que pouco a pouco vêm reimaginando e reconfigurando suas atuações junto aos públicos. Desta

maneira, verifica-se que paulatinamente, embora não sem controvérsias, tampouco de maneira homogênea ou constante, os ares da Nova Museologia e de outras museologias insurgentes sopraram em direção às diferentes expressões do museu, suscitando reposicionamentos diante de múltiplos debates que sugerem um adensamento a práticas promotoras de inclusão, participação, diversidade cultural, pluralidade de representações, etc. Conforme expõe Chagas (1999. p. 23), os museus que abraçam esta vereda assumem o compromisso de mais do que ter e preservar acervos, se conformarem como “[...] espaço[s] de relação e estímulo às novas produções, sem procurar esconder o 'seu sinal de sangue’”.

Nesta altura, no entanto, passadas quase cinco décadas desde o marco da mesa redonda de Santiago do Chile e as inúmeras experiências decorrentes desse momento, o cenário e a sociedade também sofreram transformações mais amplas. Vivencia-se um contexto mais amplo de infiltração avançada do neoliberalismo e de mediação e uso de tecnologias digitais diversas que, de certo modo, abraçam a pauta da participação para fins sugestivos que não necessariamente os emancipatórios ou inclusivos. Deste modo, não podemos fugir de algumas questões: será que as iniciativas participativas promovidas e valorizadas pelos/junto aos/nos museus vêm concorrendo ao uso democrático desses espaços? Existiriam disposições participativas que estariam mais orientadas à alienação e/ou confluíam a renovadas – ou nem isso - maneiras de dominação? A participação implicaria necessariamente o rompimento de lógicas de dominação ou existiriam disposições, níveis e esferas de participação que não chegariam a romper com modelos hegemônicos?

Na esteira de alguns desses questionamentos, o artigo de Lima (2014) chama atenção por destoar significativamente do que aponta grande parte da produção científica em Museologia, no que tange à vinculação entre a Nova Museologia e princípios emancipatórios. O autor procura evidenciar o que considera paradoxos do discurso emancipatório e desenvolvimentista na Nova Museologia e em seus desdobramentos. Nas palavras de Lima:

[...] a Nova Museologia, e demais perspectivas festejadas em meio à lógica vigente na Economia da Cultura (YÚDICE, 2007) estão atreladas a um projeto que não representa um potencial de transformação da ordem social em uma perspectiva Libertadora, Emancipatória e Desalienante, mas sim de manutenção e sofisticação da ordem vigente, a qual se constrói sobre forte influência Liberal. Mais ainda, que os discursos e estratégias utilizados em meio ao fazer museológico se fundamentam em uma apropriação de conceitos, ideias e proposições que possuem sua gênese em projetos progressistas, mas que, por meio de uma operação de ressignificação, ganharam um sentido instrumental e despolitizante (LIMA, 2014, p. 88).

Diante dos apontamentos até aqui realizados, reforçamos a compreensão de que a participação dos públicos em museus não é assunto esgotado, ao contrário; vem se transformando ao longo do tempo, adensando e enredando camadas de complexificações. Inúmeras controvérsias, contradições, atravessamentos e complexidades caracterizam o tema, seja do ponto de vista teórico ou de sua aplicação em realidades empíricas das mais diversas. Se nas décadas de 1960 e 70 pouco se elaborava e discutia sobre musealização, mas foi possível vislumbrar um museu mais processual, a conformar-se como ferramenta para a transformação, Cury, hoje, fala em “direito à [voz e decisão na] musealização” (CURY, 2021, p. 14), evocando o debate em torno da autorrepresentação a partir de diferentes cosmovisões.

3 SOBRE MUSEUS QUE TRANSBORDAM A SI MESMOS

Segundo Moreira (2007, p. 102), nas últimas décadas, “[...] vamos assistir a uma mudança no contexto museológico caracterizada pelo surgimento de um conjunto muito alargado de novos museus, com novas preocupações e novas formas de intervenção”. Tal mudança não se restringe apenas às novas propostas de museus, mas também se estende em direção à “[...] emergência de novas preocupações e atitudes ao nível dos grandes museus clássicos de referência”. Deste modo, conforme assinala o autor, a própria noção de público é alterada, passando a incorporar a ideia central de utilizador. (MOREIRA, 2007, p. 102-103).

Neste quadro, vem sendo reconhecida a importância e a potência transformadora e criativa de abandonar-se a assunção do público apenas como receptor passivo de ações dos museus, sendo admitido e valorizado o exercício de seu protagonismo em processos decisórios, (auto)representativos e definidores de agendas institucionais e políticas relacionadas. Isto significa um reposicionamento da autoridade exclusiva e irrestrita do museu e a disposição, em diferentes níveis e esferas, para o compartilhamento do poder de voz e criação junto a diferentes públicos.

Todavia, é honesto e fundamental admitir a complexidade que, invariavelmente, envolve a participação. Conforme sintetiza Alderoqui (2015, p. 35), “é fácil de imaginar e difícil de sustentar”. Isso porque, entre outras razões, “[...] compartilhar o poder do conhecimento sobre o patrimônio gera certos temores associados com a confiabilidade dos conteúdos, o prejuízo do saber especializado e a perda de autoridade”. Entretanto, a autora destaca: “se reduzimos a questão da participação a questões de controle e poder, perdemos os benefícios de trabalhar em conjunto com a comunidade”. Assim, para Alderoqui (2015), é preciso que os

museus enfrentem o desafio da participação, sem abdicar de suas responsabilidades curatoriais, mas considerando que a partir das experiências colaborativas suscitarão oportunidades de aprendizagem para sua equipe e para a comunidade. Trata-se de “um tipo de responsabilidade diferente que requer níveis ainda maiores de conhecimento” por parte dos museus (ALDEROQUI, 2015, p. 35-36).

Cury (2012, p. 52) defende que a participação é positiva aos públicos e aos museus, tratando-se de um território que não é pacífico, porém é capaz de promover, entre outras coisas, a criatividade e a inovação. Segundo a autora, “devemos investir na diversidade e nas diferenças, porque promovem a criatividade, a inovação, a audácia, o diálogo, a negociação”, sendo positivo o museu entender-se como espaço de sociabilidade, cultura, educação e participação (CURY, 2012, p. 52).

Na dinâmica de coexistência e de uma desejável convivência da diversidade museal, Amigo e Inchaurreaga (2018, p. 125) chamam atenção para o fato de que, nas últimas décadas, alguns museus tradicionais viriam se abrindo à participação de diferentes maneiras. Neste caminho, viriam incorporando às suas práticas desde contribuições pontuais na documentação de coleções, até a expressão criativa de produção da narrativa. Verifica-se, desta maneira, disposições variadas e graduais para o enfrentamento de debates e ações efetivas em respeito à diversidade e pluralidade de representações que flexibilizam a autoridade dos museus e sugerem a integração e/ou inclusão de agentes variados nas dinâmicas decisórias das instituições. Com base na reconhecida obra de Simon (2010), *“The Participatory Museum”*, as autoras, sistematizam quatro formas ou níveis de participação nos museus como cocriação: contribuição, colaboração; cocriação propriamente dita e *hosting* (AMIGO; INCHAURRAGA, 2018, p. 125).

Cury (2013, p. 475), ao pontuar sobre as concepções de público e como essas se vinculam às maneiras como os enunciados discursivos dos museus se conformam a partir da expografia, assinala que tais concepções trazem em si dimensões e qualidades de participação. Segundo a autora, seria possível verificar a participação contemplativa, admitindo-se um envolvimento passivo do público; a participação que se institui a partir da leitura, admitindo-se o envolvimento mentalmente ativo do público; e a participação instaurada como leitura e escrita, admitindo-se o ato criativo por parte do público (CURY, 2013, p. 475).

Em artigo anterior (MORAES, 2020), também identificamos formas de participação nos museus, as quais somam-se ou convergem para com aquelas assinaladas anteriormente e

apontam para a interatuação dos públicos no âmbito de distintas práticas, criações e decisões que se dão circunscritas ou transbordam aos processos tradicionais de musealização. Os exemplos de participação iriam desde aqueles relacionadas à incorporação de acervos às instituições, passando pela documentação – folksonomia-, pesquisa áudio-documental, curadoria compartilhada, exposições interativas, pesquisa de avaliação e criação junto aos públicos, até ações de sustentabilidade institucional, iniciativas de acolhimento e amplificação de voz a causas afirmativas, estabelecimento de gestão compartilhada de coleções e espaços, uso de redes sociais, etc.

As complexidades enfatizadas por Alderoqui (2005) e Cury (2012), assim como os exemplos de participação elencados por Amigo e Inchaurreaga (2018), Cury (2013) e Moraes (2020), instigam a pensar sobre pressupostos, instrumentos, metodologias e práticas adotadas pelos museus que visam promover e suscitar a efetiva participação dos públicos em planos de ação, produção de narrativas, elaboração de quadro de referências, decisões em torno do uso e da gestão de patrimônios, construção de agendas, prioridades e tomadas de decisão que movimentam e dão sentido social e cultural às instituições. Nesta perspectiva, tal como sugerido anteriormente, faz-se importante lançar um olhar descolonizado sobre o processo de musealização, compreendendo-o para além de sua dimensão técnica, sendo valorizada sua dimensão política, poética e simbólica. Isto porque é por meio das ações, relações e interfaces entretecidas no âmbito da musealização, as quais conferem e atualizam a musealidade (CURY, 2020), que será possível materializar alternativas de representações horizontalizadas pela colaboração, contemplando práticas dos museus junto aos públicos e dos públicos junto a outros públicos por meio dos museus.

4 A PARTICIPAÇÃO EM MUSEUS NAS REVISTAS ELETRÔNICAS MUSEOLOGIA E INTERDISCIPLINARIDADE E MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

Neste item propõe-se pontuar como o tema participação nos museus vem se manifestando e, brevemente, o que vem sugerindo no conjunto de artigos publicados nas revistas eletrônicas brasileiras M&I e M&P. Para tanto, são identificadas também temáticas que tangenciam a discussão, fornecendo subsídios significativos para compreensão dos pressupostos, conceitos e expressões participativas, ainda que, em si, não se manifestem como artigos objetivamente voltados a abordar o tema.

Ambas revistas consistem em periódicos semestrais que se dedicam a tratar especificamente do campo dos museus e da Museologia e suas interfaces com outras áreas do conhecimento. O levantamento se deu em maio e junho de 2021 a partir da identificação das sessões de publicação de ambos periódicos, reunião, leitura e análise dos títulos, palavras-chave e resumos dos artigos publicados na sessão de artigos e artigos de Dossiê. Em virtude da limitação de laudas deste trabalho, aqui será apresentado levantamento mais concentrado em aspectos quantitativos.

A M&I é vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília -UNB, foi lançada em 2012 e, de lá até junho de 2021, publicou suas sessões conforme o quantitativo expresso no quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Sessões e números Revista M&I

| Revista | Volumes | Números | Artigos | Resenhas | Entrevistas | Traduções | Dossiês temáticos | Artigos de Dossiê | Capa |
|----------------|---------|---------|---------|----------|-------------|-----------|-------------------|-------------------|------|
| <i>M&I</i> | 10 | 20 | 127 | 13 | 3 | 3 | 19 | 200 | 10 |

Fonte: Elaborado pela autora

Após a identificação das sessões e números da Revista M&I, foram selecionados para análise qualitativa apenas os artigos e artigos de Dossiês temáticos¹. Convém explicitar que desde o seu segundo ano de editoração, a M&I adota temas que encabeçam as publicações dos artigos, o que evidentemente traz implicações para nossa análise, visto que há temáticas mais ou menos convergentes com o debate sobre participação. Em ordem cronológica, os Dossiês são: Museologia e Ciência da Informação (v.3, n.2, 2013); Diálogos: histórias, ciências e outras artes (v.3, n.5, 2014); Museologia e Educação (v.3, n.6, 2014); Comunicação, Recepção e Público (v.4, n.7, 2015); Patrimônio (v.4, n.8, 2015); Coleções em jardins botânicos e museus (v.5, n.9, 2017); Museus de Arte: exposição, informação e história (s) (v.5, n.10, 2017); Legados coloniais (v.6, n.11, 2017); Museus de arte contemporânea no século XXI (v.6, n.12, 2017); Estudos de Museologia e gênero (v.7, n.13, 2018); Museus e oceanos (v.7, n.14, 2018); Cinema, museu e patrimônio (v.8, n. 15, 2019); Museus de Educação: histórias e perspectivas transnacionais (v.8, n. 16, 2019); Dossiê especial do IV SEBRAMUS - Democracia: desafios para a Universidade e a Museologia (v.8, n. 16, 2019); Museus e Museologia: aportes teóricos na contemporaneidade (v.9, n.17, 2020); Musealização da Performatividade em Coleções Públicas

¹ Foram excluídos da contagem e da análise os textos de apresentação dos Dossiês elaborados pelos editores convidados.

e Privadas (v.9, n.18, 2020); Museus, Museologia, Comunicação, Recepção (v.9, n. Especial, 2020); O Protagonismo Indígena e Museu - Abordagens e Metodologias (v.10, n.19, 2021); e Museus, Museologia e Literatura: representações de mundo e técnicas narrativas (v.10, n.19, 2021).

A *M&P* é vinculada ao Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio do convênio Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Museu de Astronomia e Ciências Afins – PPG-PMUS/UNIRIO-MAST, foi lançada em 2008 e, de lá até junho de 2021, publicou suas sessões conforme o quantitativo expresso no quadro 2 a seguir:

Quadro 2: Sessões e números Revista M&P

| Revista | Volumes | Números | Artigos | Resenhas | Revisitando | Relato de experiência | Conferências | Resumos | Dossiês temáticos | Artigos de Dossiê |
|----------------|---------|---------|---------|----------|-------------|-----------------------|--------------|---------|-------------------|-------------------|
| <i>M&P</i> | 14 | 26 | 194 | 10 | 6 | 60 | 9 | 147 | 3 | 29 |

Fonte: Elaborado pela autora

Assim como foi feito com a *M&I*, após a identificação das sessões e números da Revista, foram selecionados para análise qualitativa apenas os artigos e artigos de Dossiês temáticos. O primeiro Dossiê temático organizado pela *M&P* foi publicado sob volume 7, número 1, em 2014. O tema foi Museu, patrimônio, tempo e lugar na cidade: construções, representações, memórias e identidades, porém esta informação aparece somente no texto de apresentação, não estando em evidência na página da Revista, onde aparece apenas a indicação “Dossiê”. Os dois outros Dossiês temáticos foram publicados nos dois últimos números da *M&P* levantados, sob os temas: Revistas de Museu, Museus em Revista (v.13, n.2, 2020) e Patrimônio esportivo e Museu do Esporte (v.14, n.1, 2021).

Feita a apresentação geral das revistas eletrônicas, a metodologia adotada para reunião e análise do material reuniu os procedimentos a seguir descritos.

Inicialmente, foi realizada uma primeira filtragem de textos relacionados à temática de interesse do levantamento a partir da leitura de título, resumo e palavras-chave dos 550 artigos e artigos de Dossiê de ambas revistas². Com base nos referenciais teóricos da pesquisa, foram identificados e reunidos textos que abordam temáticas com total ou parcial relação com o interesse específico, tais como: iniciativas participativas; pressupostos e conceitos

² Esta primeira filtragem contou com a colaboração de discentes do curso de Museologia da UNIRIO vinculados aos projetos de pesquisa e ensino que dão origem a este artigo, Bruna Pinto Monteiro, Carolina de Oliveira Silva (iniciação científica) e Orlando Gomes (bolsista de projeto de ensino).

relacionados à participação; museus/iniciativas comunitários; ecomuseus; educação em museus/museal/patrimonial; estudos de/sobre/junto ao público; Nova museologia e outras museologias com adjetivação (Social, Sociomuseologia, Crítica, Comunitária, Experimental, etc.); mediação cultural; comunicação; democracia, cidadania cultural e políticas públicas; democratização da cultura e democracia cultural; inclusão e diversidade cultural; acessibilidade(s); manifestações participativas em performances relacionadas a processos de musealização; estudos pós-coloniais e decoloniais; Museologia e protagonismo de grupos minoritários; ativismo; entre outros. Esta primeira filtragem deu origem a um conjunto de 122 artigos selecionados na M&I, equivalente a 37% de seu total, e 55 na M&P, equivalente a 24% de seu total.

A segunda filtragem foi realizada a partir da criação de quatro categorias adotadas para subsidiar a nova leitura do conjunto: amarela) textos que abordam expressões convergentes à temática da participação, porém se debruçam sobre problemáticas que tocam indiretamente o cerne de nossa pesquisa³, sem fornecer objetivamente subsídios significativos à discussão em torno da participação-ativa; cinza) apresentação de casos e realidades empíricas concatenadas com o debate em torno da participação e de iniciativas compartilhadas; azul) trabalhos que não se debruçam especificamente sobre a problemática da participação como eixo central, mas mesmo apenas tangenciando esta discussão fornecem subsídios teórico-conceituais, práticos e políticos de significativa importância para perspectivas sobre a temática; verde) artigos que se debruçam, discutem ou manifestam debates acerca da participação. Após as publicações serem distribuídas conforme essas quatro categorias, foram descartadas aquelas amarelas, restando, assim 75 artigos na M&I, equivalente a 22% do total, e 26 na M&P, equivalente a 11% do total.

A partir do título, resumo e palavras-chave do universo de 101 artigos selecionados, foi feito levantamento da ocorrência de uso de alguns termos identificados como relevantes no seio da discussão sobre participação em museus, considerando a bibliografia de referência. Quando identificada várias vezes no resumo, a ocorrência foi reconhecida uma única vez. Entretanto, quando a ocorrência se deu ao menos uma vez no título, no resumo e nas

³ Caso, por exemplo, de artigos que apresentam estudos de público que não sugerem um olhar acerca do protagonismo dos públicos em tomadas de decisão e/ou intervenções nos museus advindas deste estudo. O mesmo vale para artigos que abordam a educação no contexto dos museus a partir de perspectiva mais centrada na participação contemplativa e ou de leitura (CURY, 2013).

palavras-chave, foram reconhecidas três ocorrências. Importante destacar que algumas ocorrências foram descartadas, por tratarem-se de termos utilizados em outras conotações.

Exemplo: acesso, comunicação e interação. O resultado deste levantamento foi o seguinte:

Quadro 3: Termos e frequência de uso

| Termos/ radicais | Resumo | | Palavras-chave | | Título | | TOTAL | |
|---|--------|-----|----------------|-----|--------|-----|-------|-----|
| | M&I | M&P | M&I | M&P | M&I | M&P | M&I | M&P |
| Participação; participativx; participe; Museologia participativa | 15 | 7 | 10 | 1 | 7 | 1 | 32 | 9 |
| Colaboração; Colaborativx; co- (sufixo) | 11 | 2 | 3 | 0 | 3 | 0 | 17 | 2 |
| Compartilhadx; compartilhamento | 4 | 1 | 2 | 0 | 1 | 0 | 7 | 1 |
| Democraticx; democracia; democratização | 4 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 5 | 2 |
| Diversidad(e) cultural; intercultural | 5 | 1 | 3 | 0 | 1 | 0 | 9 | 1 |
| Cidadãx; cidadania | 2 | 2 | 2 | 1 | 1 | 0 | 5 | 3 |
| Inclusão; inclusivx | 4 | 2 | 3 | 0 | 3 | 0 | 10 | 2 |
| Acessibilidade; acessível | 2 | 0 | 2 | 0 | 2 | 0 | 6 | 0 |
| Nova Museologia | 5 | 3 | 2 | 2 | 0 | 1 | 7 | 6 |
| Museologia adjetivada (Sociomuseologia, Crítica, pós-moderna, social, Nativa ⁴) | 4 | 0 | 7 | 2 | 2 | 0 | 13 | 2 |
| Ecomuseu; ecomuseologia | 2 | 6 | 2 | 4 | 2 | 3 | 6 | 13 |
| Museu comunitário; iniciativa comunitária; participação comunitária | 4 | 4 | 2 | 3 | 4 | 2 | 10 | 9 |
| Comunidade | 6 | 6 | 5 | 0 | 1 | 0 | 12 | 6 |
| Paulo Freire | 0 | 3 | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 | 5 |
| Santiago | 1 | 2 | 1 | 1 | 1 | 2 | 3 | 5 |
| Emancipação; emacipatórix; libertação | 0 | 3 | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 | 5 |
| Transformação social | 0 | 2 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 3 |
| Desenvolvimento (com conotação social) | 2 | 4 | 0 | 2 | 1 | 3 | 3 | 9 |
| Mudança social | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 2 |
| Engajamento; engajar; engajadx | 1 | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 2 | 1 |
| Mediação; mediações | 4 | 2 | 4 | 2 | 2 | 2 | 10 | 6 |
| Educação; educativx; educar; educadorx; | 10 | 7 | 7 | 3 | 6 | 2 | 23 | 12 |
| Interação; interativx; interagir | 4 | 1 | 0 | 0 | 2 | 0 | 6 | 1 |
| Recepção | 1 | 1 | 1 | 0 | 1 | 0 | 3 | 1 |
| Comunicação; comunicacional; comunicativx; comunicante; comunicar | 9 | 7 | 6 | 3 | 5 | 1 | 20 | 11 |
| Decolonial; decolonialidade; descolonização; descolonizar | 4 | 0 | 3 | 0 | 2 | 0 | 9 | 0 |
| Ativismo | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 2 | 1 |
| Movimento(s) social(is) | 2 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2 | 0 |
| Público(s) | 12 | 7 | 4 | 0 | 2 | 0 | 18 | 7 |
| Autorrepresentação | 1 | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 | 3 | 0 |

Fonte: Elaborado pela autora

⁴ Destaca-se a adoção da palavra-chave “Museologia Nativa” adotada por pesquisador indígena Kanindé do Ceará.

Diante do resultado apresentado no quadro, verifica-se que alguns termos concatenados com o debate em torno da participação aparecem com frequência expressiva entre os resumos, palavras-chave e títulos em uma Revista, mas não em outra. São conjuntos de termos que aparecem na M&I com frequência significativamente maior que na M&P: Participação (M&I:21, M&P:9), Colaboração (M&I:17, M&P:2), Compartilhada (M&I:7, M&P:1) Diversidade/Interculturalidade (M&I:9, M&P:1), Inclusão (M&I:10, M&P:2), Acessibilidade (M&I: 6, M&P:0), Museologias com adjetivações (M&I:13, M&P:2), Educação (M&I:23, M&P:12), Interação (M&I:6, M&P:1), Comunicação (M&I: 20, M&P:11), Decolonialidade (M&I:9, M&P:0), Público (M&I:18, M&P:7). Termos que, ao contrário, aparecem com maior frequência na M&P: Ecomuseu (M&I:6; M&P:13), Paulo Freire (M&I:0, M&P:5) e Desenvolvimento social (M&I:3, M&P:9).

De acordo com os parâmetros e as classificações adotadas e tomando como base o quantitativo de artigos categorizados como azul, cinza e verde, foram identificados como números da *M&I* que mais contribuem para o debate em torno da participação, seja de modo mais ou menos direto: volume 4, número 7, de 2015, no qual consta o Dossiê Comunicação, recepção e público; volume 7, número 13, de 2018, no qual consta o Dossiê Estudos de Museologia e gênero; volume 9, número 17, de 2020, no qual consta o Dossiê Museus e Museologia: aportes teóricos na contemporaneidade; e volume 9, número 18, de 2020, no qual consta o Dossiê Musealização da Performatividade em Coleções Públicas e Privadas. O último volume (10) lançado da Revista, número 19, em 2021, traz o Dossiê “O Protagonismo Indígena e Museu - Abordagens e Metodologias” integralmente dedicado ao tema da participação nos museus, conformando-se como um banquete acerca das diferentes manifestações e abordagens sobre o tema. Não é possível lançar este tipo de olhar sobre a M&P, visto que os artigos relacionados à temática de interesse estão mais dispersos por entre os números, o que possivelmente pode ser explicado em vista de grande parte da organização da Revista não investir em Dossiês temáticos, mas fluxo contínuo.

O levantamento evidenciou que a discussão sobre participação em museus definitivamente não está esgotada, ao contrário, parece cada vez mais presente e infiltrada. Ainda, revelou que a temática interage com diversos debates contemporâneos do campo dos museus e da Museologia, seja de modo mais ou menos intenso e poroso. Além disso, destacam-se os textos que tomam a participação como pressuposto, ou seja, não se dedicam a problematizar a noção do ponto de vista conceitual, mas apresentam problemáticas mais ou

menos práticas que partem de realidades empíricas que se situam como iniciativas participativas em diferentes níveis, esferas, disposições e dimensões.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Forjados institucionalmente há cerca de três séculos, os chamados museus tradicionais/ortodoxos foram historicamente movidos e operacionalizados a partir da polarização hierárquica entre um suposto papel e lugar da instituição e outro do público. Além disso, configuraram-se a partir de um olhar e *modus operandi* que instauram um conjunto de ações técnicas, na prática muitas vezes estanques, que reifica a separação entre cultura e sociedade, patrimônio e seus usuários.

Atravessados por transformações diversas das sociedades que os criaram e reimaginaram, ao longo do tempo, esses espaços adensaram distintos valores, agendas, agentes e formas de intervenção, se alterando, hibridizando e instaurando sob lógicas cada vez mais complexas e plurais. Conforme explicitam Oliveira e Santos (2019), “os desafios postos pelas práticas museais contemporâneas passam pela incorporação do ‘outro’ como sujeito cognoscente equivalente aos demais membros dos museus”.

Deste modo, considera-se que os museus contemporâneos de uma forma geral vêm sendo desafiados a horizontalizar suas práticas a partir das complexidades de interações participativas. Para tal, desenvolvem e/ou adotam metodologias, instrumentos e pressupostos mediados pela realidade específica que os sustentam e ressignificam no seio das distintas sociedades e grupos sociais. Fazem isso de modo heterogêneo e não necessariamente sem controvérsia, contradições ou disputas.

Do ponto de vista dos debates atuais, entendemos que alguns princípios concorrem à consecução de processos participativos voltados se não à emancipação, ao menos à inclusão dos públicos na construção de narrativas museais mais diversas e plurais. Entre esses, podemos citar: políticas e ações em favor da diversidade e convivência culturais; escuta e diálogo de/com públicos diversos; pesquisa e avaliação junto aos diferentes públicos, podendo afluir em processos criativos; autoridade compartilhada em processos de criação e produção de narrativas em exposições e para além delas; processos autorrepresentativos e valorização de distintas representatividades; modo compartilhado de estabelecimento de agendas, prioridades e tomadas de decisão; ampliação de políticas de acesso e especialmente de

expressão das culturas; dinâmicas de musealização performadas conforme contextos culturais específicos; etc.

Os itinerários e encruzilhadas dos museus rumo à participação são diversos e plurais. A interatuação e a interseção, em diferentes disposições, dimensões, níveis e esferas junto aos públicos são condicionantes para tal. O horizonte segue a guiar esta jornada de manifestações e expressões da diversidade cultural...

REFERÊNCIAS

ALDEROQUI, Silvia. El museo de los visitantes. **Museologia e Interdisciplinaridade**, n. 7, 2015.

BRULON, Bruno. Passagens da Museologia: a musealização como caminho. **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 11, n. 1, 2018.

CHAGAS, Mário. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, ULHT, n. 13, 1999.

CUENCA AMIGO, Macarena; ZABALA INCHAURRAGA, Zalao. Reflexiones sobre la participación como co-creación en el museo. **Heritage & Museography**, n. 19, 2018.

CURY, Marília. Museologia, Comunicação Museológica e Narrativa Indígena: a Experiência do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre. **Museologia e Interdisciplinaridade**, v. 1, n. 1, 2012.

CURY, Marília. Metamuseologia – reflexividade sobre a tríade musealia, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena. **Museologia e Interdisciplinaridade**, v. 9, n. 17, p.129-146, 2020.

CURY, Marília. O protagonismo indígena e Museu: abordagens e metodologias. **Museologia e Interdisciplinaridade**, v. 10, n. 19, p.14-21, 2021.

DECARLI, Georgina. **Un museo sostenible: museo y comunidad en la preservación activa de su patrimonio**. Costa Rica: EUNA, 2008.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. Changing Values in the Art Museum: rethinking communication and learning. **International Journal of Heritage Studies**, v. 6, n. 1, 2000.

MAIRESSE, François. La notion de public. **ICOFOM Study Series**. ISS 35, 2005.

MORAES, Julia Nolasco Leitão de. Entretecendo conceitos, mirando o horizonte da participação: musealização, comunicação e públicos. **Museologia e Interdisciplinaridade**, v. 9 (Especial), p. 144-160, 2020.

MOREIRA, Fernando João de Matos. Uma reflexão sobre o conceito de público nos museus locais. **Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 101-108, 2007.

OLIVEIRA, João Pacheco de; SANTOS, Rita de Cassia. Introdução. *In*: OLIVEIRA, João Pacheco de; SANTOS, Rita de Cassia (org.). **De acervos coloniais aos museus indígenas**: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019.

VARINE, Hugues. A respeito da Mesa-Redonda de Santiago. *In*: ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo** - documentos e depoimentos. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.